

## CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM, E O ROMANCE DE (DE)FORMAÇÃO

Dislene Cardoso de Brito<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo analisa o romance “Cinzas do Norte” de Milton Hatoum, tendo como base a acepção tradicional do Romance de Formação (*Bildungsroman*), cujo paradigma é o romance de Goethe “Os anos de Aprendizado de Wilhelm Meister”. Tomando a definição do o termo *Bildungsroman* como uma narrativa que lida com a experiência da personagem vivida durante os anos de educação ou de formação, rumo à maturidade (MOISÉS, 1978), este trabalho busca analisar, comparativamente, o protagonista Mundo (Raimundo), de Hatoum e Wilhelm Meister, de Goethe, objetivando mostrar como Hatoum se apropria da estrutura do romance de formação para apresentá-lo como um romance de deformação.

**Palavras-chaves:** Cinzas do Norte. Mundo (Raimundo). Romance de formação. Wilhelm Meister

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
E-mail para contato- dislenecardoso@hotmail.com



## Introdução

Mistura de ficção, experiências e lembranças pessoais, *Cinzas do Norte* (2005), foi o terceiro romance escrito por Milton Hatoum, um escritor amazonense, considerado pela crítica como um dos maiores escritores vivos do Brasil, portador de erudição consistente e escrita refinada.

Ambientado na cidade de Manaus, *Cinzas do Norte* pode ser analisado como a representação da decadência, não apenas da decadência dos personagens que compõem a narrativa, mas também a decadência de Manaus da década de 1960. A própria significação simbólica das cinzas também permite vislumbrar no romance um sentido negativo, que denota fim, anulação do ser e das coisas. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2003):

[...] a cinza extrai seu simbolismo do fato de ser, por excelência, um valor residual: aquilo que resta após a extinção do fogo e, portanto, antropocentricamente, o cadáver, resíduo do corpo depois que nele se extinguiu o fogo da vida. Espiritualmente falando, o valor desse resíduo é nulo. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p.247)

A narrativa, que conta os anos de formação de Mundo (Raimundo), personagem principal, desde o nascimento até sua morte é, nesta pesquisa analisada sob a ótica do *Bildungsroman* (Romance de Formação), tendo como paradigma o romance de Goethe, “Os anos de Aprendizado de Wilhelm Meister”.

Entretanto, pretende-se neste artigo mostrar como o autor de *Cinzas do Norte* se apropriou da estrutura do Romance de Formação para criar um romance de (de)formação. Apesar das similitudes presentes nos romances de Hatoum e Goethe, percebe-se que, o que há de comum entre Mundo e Wilhelm Meister é apenas o gosto pela carreira artística e rejeição à burguesia. Enquanto Meister buscou contemporizar com as forças sociais de seu tempo, Mundo vai de encontro a todas as estruturas sócias, no intuito de impactar a sociedade através de sua arte, permanecendo assim até os últimos instantes de sua vida.

Tomando como aporte teórico, os estudos de Dinardo Maas (2000; 2008), Mazzari (1999) e autores da crítica literária, a exemplo de Bakhtin (2000), bem como estudiosos da obra hatouniana e da cultura, este trabalho tem como objetivo fazer uma análise crítico-reflexiva do romance *Cinzas do Norte*, especificamente, seu personagem principal, Mundo, no sentido de mostrar como o autor, ao se apropriar da estrutura do *Bildungsroman* e seguir uma direção contrária, acabou criando um nova estética literária, que pode ser aqui denominada *Anti-Bildungsroma*.

## A difícil arte de narrar

*Ainda guardo seu caderno com desenhos e anotações, e os esboços de várias obras inacabadas, feitos no Brasil e na Europa, na vida à deriva a que se lançou sem medo, como se quisesse se rasgar por dentro e repetisse a cada minuto a frase que enviou para mim num cartão-postal de Londres: “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”.*

(HATOUM, 2005, p. 10)

Walter Benjamin (1993) em “O Narrador” sentencia que a arte de narrar está em vias de extinção. “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. (BENJAMIN, 1993, p. 197). Essa impossibilidade é percebida por Mundo (Raimundo), protagonista do romance “Cinzas do Norte” de Milton Hatoum. No romance, ele revela ao amigo Lavo toda a sua angústia de não poder narrar a sua história: “Pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta cabeça, mas não posso, mal consigo rabiscar, as palavras são manchas no papel, e escrever é quase um milagre. [...]”. (HATOUM, 2005, p. 9). Quando Mundo consegue escrever uma carta para Lavo, narrando a sua trajetória desde sua chegada a Londres, ele adverte ao amigo que a mesma seria escrita a conta-gotas, “meia página por dia”, externando na missiva a sua dificuldade em passar para o papel fatos de sua vida que ele só consegue exteriorizar através de suas pinturas: “Malditos papeletes, Lavo! E malditas palavras emperradas, frases travadas... Desenhar é minha sina, escrever é um martírio... [...]”. (HATOUM, 2005, p. 239).

Assim, diante da impossibilidade narrativa de Mundo, a solução encontrada pelo escritor foi delegar a Lavo essa responsabilidade de contar a história de vida do amigo. Lavo, ao fazê-lo, inicia o romance a partir da leitura da última carta de Mundo endereçado a ele, pouco antes de morrer numa clínica no Rio de Janeiro. Começando pelo ápice da história de Mundo, o fiel amigo faz uma digressão no tempo para narrar a trajetória de vida de Mundo, desde sua infância até o momento de sua morte.

Em “Cinzas do Norte”, a narração ocorre tal como Benjamin orienta. Os fatos são postos sem muita explicação nem análise psicológica. O leitor vai conhecendo a história de Mundo através de fragmentos diversos: a narrativa desse romance se enovela em um “coro de vozes”. Nele há lembranças e impressões de Lavo, o narrador-testemunha, contemporâneo de Mundo desde os tempos de infância; lembranças e confissões de Ran, velho apaixonado de Alicia (mãe de Mundo); recordações e insinuações de Ramira, invejosa da exuberância e da

beleza da mãe do protagonista; e de uma carta escrita por Mundo pouco antes de morrer, relatando ao amigo Lavo suas angústias e a descoberta de sua origem paterna. No entanto, todos os relatos não conseguem revelar completamente os sentimentos de Mundo, que se torna cada vez mais tão enigmático quanto as cartas em branco que escreve de Londres para o amigo em Manaus:

Mais estranha foi a série de envelopes que Mundo me enviou em seguida, todos postados da mesma data: em cada um deles, uma folha branca, na frente e no verso. [...] Eu observava as sete folhas, tentando encontrar algum sinal. Foram as últimas “mensagens” dele. (HATOUM, 2005, p. 257).

As sete cartas que Mundo escreve tem paralelo com os sete quadros, sua obra de arte mais importante, a qual intitulou “História de uma decomposição: Memória de um filho querido”. Assim, tal como os desenhos das sequências de quadros, a vida de Mundo foi uma história de decomposição, deformação e o destino dele pode ser analisado comparativamente como o primeiro desenho feito quando ainda era criança, “um barco adernado rumando para um espaço vazio”. Esta foi a trajetória de vida de Mundo, desde a sua infância até chegar a maturidade e, com ela o fim de sua vida.

Ao contrário do que acontece com os heróis tradicionais do romance de formação, Mundo atravessa todas as etapas de sua formação, com a diferença de que ele permanece ou se transforma em herói problemático. Por isso, a identificação de Cinzas do Norte pode ser associada como um romance de deformação ou como um romance de crítica ao romance de formação (*Bildungsroman*).

### **A busca do aperfeiçoamento no Romance de Formação**

De acordo com Dinardo Maas (2000), a origem do termo *Bildungsroman* refere-se ao esforço pela atribuição de um caráter nacional à literatura de expressão alemã. De cunho realista com raízes vincadas nas circunstâncias históricas, culturais e literárias dos últimos trinta anos do século dezoito, o *Bildungsroman* tem como paradigma o romance de Goethe “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”. Mazzari (1999) afirma que esse romance de Goethe é a primeira grande tentativa de retratar e discutir a sociedade do seu tempo – século XVIII. No centro do romance está a questão da formação do indivíduo, do desenvolvimento de suas potencialidades, sob as condições históricas dadas. Por isso, os vários romances de formação que surgiram posteriormente, tiveram Wilhelm Meister como modelo inequívoco.

O termo foi inicialmente empregado pelo professor de filosofia clássica Karl Morgenstern, em 1803, em uma conferência sobre “o espírito e as correlações de uma série de romances filosóficos” (apud MASS, 2008). Mais em tarde, em conferência de 1820, o mesmo Morgenstern associará o termo por ele criado ao romance de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*, 1795-1796), cunhando assim a fórmula paradigmática de definição do gênero. Segundo o filósofo, o *Bildungsroman* tipo de romance que representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar a “perfectibilidade”.

De acordo com Bakhtin (2000), o romance de formação apresenta a imagem do homem em devir. O enredo desse tipo de romance é repensado e reestruturado conforme as mudanças por que passa o herói: O tempo se introduz no interior do herói, modificando seu destino e sua vida. No entanto, a formação do homem pode variar conforme o grau de assimilação do tempo histórico real. Bakhtin divide o romance de formação em cinco tipos, considerando, porém, o quinto tipo como o mais importante, pois este se assenta na evolução do homem como algo “indissolúvel da evolução histórica”. Tomando romances como *Gargantua e Pantaguel*, *Simplicissimus* e *Wilhelm Meister*, o autor explica a formação do homem neste tipo de romance:

O homem se forma ao mesmo tempo que o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época, mas na fronteira de duas épocas, no ponto de passagem de uma época para outra. Essa passagem efetua-se nele e através dele. (BAKHTIN, 2000, p. 240)

O *Bildungsroman* tematiza o processo de aprendizagem social do indivíduo. Tal como o romance realista, as temáticas giram em torno da integração das personagens ao meio social. A formação da personagem neste tipo de romance desenvolve-se na medida em que aumenta sobre ela a influência educativa exercida por outras personagens. Geralmente, tais personagens são mais “experientes”, servindo como paradigma para aqueles que estão ainda no processo de aprendizado de experiência de vida. Consequentemente, a medida que o indivíduo se interage com os mais experientes, aumenta também sua própria experiência.

Trata-se, portanto, do desenvolvimento de algumas qualidades no indivíduo que, sem a intervenção ativa de homens e acasos, jamais floresceriam nele. O sentido da jornada educativa do “herói” é a sua reconciliação com a realidade objetiva. A experiência vivenciada concretamente pelo herói do *Bildungsroman* o conduz a uma compreensão objetiva do mundo. Maas (2000) concebe o romance de Goethe como uma trajetória de constituição de um caráter pessoal. Na mesma esteira, Benjamin (1993) toma Wilhelm Meister como o melhor exemplo de tentativa de inclusão de um ensinamento no romance.

Nele, o herói busca dar o primeiro passo ao recusar os ideais e caminhos burgueses preestabelecidos. Inicialmente, o projeto de formação de Meister consistia apenas na rejeição dos negócios paternos, para posteriormente encontrar meios que concretizassem suas aspirações artísticas, momento do seu engajamento em uma companhia teatral. Meister percebia uma incongruência entre a atividade burguesa que ele deveria assumir, voltada para a acumulação de dinheiro e o forte impulso de auto-aprimoramento.

No *Bildungsroman*, a temática fundamental é a trajetória de um indivíduo particular que, vivenciando as mais diferentes experiências, aspira ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades (artísticas, existenciais, intelectuais, dentre outras) e a uma integração harmônica e fecunda com a sociedade. Através de sua atividade teatral, Wilhelm Meister esperava não só apropriar a expansão plena de suas potencialidades, como também desejava contribuir para a criação de um futuro Teatro Nacional, visando uma integração cultural que abarcasse todas as classes sociais. No romance “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”, o herói põe-se a caminho de uma existência de vida rumo a uma sabedoria de vida, por isso a sua expansão plena encontrava-se no futuro: “Estás salvo e a caminho de tua meta. Não te arrependerás de nenhuma de tuas loucuras, também pouco sentirás falta dela; não pode haver para um homem destino mais venturoso.” (GOETHE, 1994, p. 481).

Esta noção de idealização do futuro é explicada por Mazzari (1999) como uma “utopia de tempo”, o qual se assenta em uma filosofia de progresso, ao molde iluminista, tendo como exemplo na literatura o romance “1984” de G. Orwell, e refere-se a uma sociedade projetada no tempo, quase sempre no futuro. Em Wilhelm Meister, o herói conscientiza-se do caráter necessário e objetivo das estruturas sociais e, podando suas arestas, integra-se à sociedade de forma ativa.

Os sucessivos desvios que o *Bildungsroman* vem apresentando em relação ao seu protótipo “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”, mostram-se como reflexos das transformações políticas e econômicas ocorridas nas estruturas da sociedade em que o herói em formação busca integrar-se. Isto ocorre porque, à medida que a integração harmônica entre indivíduo e meio social entra em colapso, os escritores vão assumindo um posicionamento cada vez mais crítico em relação ao clássico goethiano. Tal análise pode ser aplicada a Milton Hatoum. Assim como diversos outros autores da Literatura Brasileira, ele utilizou dessa estrutura do *Bildungsroman* para composição do seu romance, Cinzas do Norte .

O termo Romance de Formação foi incorporado ao léxico brasileiro por Massaud Moisés no “Dicionário de Termos Literários”. Além de definir o romance de formação como narrativa que gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou de educação, Massaud Moisés lista uma série de romances em língua portuguesa

considerados por ele como herdeiros do *Bildungsroman*, a exemplo de “O Ateneu” (1888) de Raul Pompéia; “Amar, verbo intransitivo” (1927) de Mário de Andrade e os romances do “ciclo do açúcar” (1933-1937) de José Lins do Rego, só para citar alguns.

Quanto a Milton Hatoum, o que diferencia sua produção literária dos autores acima citados, é a forma como ele se apropria do romance de formação para apresentar um processo de deformação pelo qual passaram as personagens do romance, bem como a cidade de Manaus que, sob o influxo da modernidade, desencadeou um processo de destruição que atingiu não só as ruas da antiga cidade, como também toda a sociedade, principalmente a família Matoso, tida como uma família tradicional da cidade, comprovando a frase de Marx, apropriada por Berman (1986): “Tudo que é sólido desmancha no ar”.

### **Cinzas do Norte e a (de)formação do indivíduo**

No romance “Cinzas do Norte”, como o próprio título antecipa, trata-se de uma história de ruínas: da cidade, da família, dos valores, da cultura. O romance se passa na década de 1960 e acompanha o percurso de Mundo, filho de Jano, um rico proprietário e comerciante, dono da Vila Amazônica e de bom relacionamento com os integrantes do governo militar.

Seguindo a estrutura da narrativa do romance de formação, Hatoum vai apresentando o “herói” desde a sua infância até a idade adulta. No entanto, diferentemente dos romances de formação, Mundo não é movido pela aspiração de integrar-se à sociedade. Seus objetivos de vida são voltados para a revolta e contestação, não apenas da autoridade paterna, mas também da sociedade que ele considerava injusta. Diferente dos heróis dos romances de formação, sua trajetória não se compõe de etapas ascendentes rumo a uma integração fecunda na sociedade, mas sim de sucessivas recusas.

A primeira delas foi a sua continuidade no colégio D. Pedro II. Além de não se adequar às regras, as quais constantemente subvertia, Mundo tinha nas caricaturas uma forma de resistência. Através delas, ele evidenciava sua posição crítica e expunha seus colegas ao ridículo, gerando atitudes agressivas por parte de alguns. Sem conseguir adaptar-se à violência dos colegas e opressão do colégio, Mundo afasta-se dele, sem prestar os exames finais. Transferido para o Colégio Brasileiro, Mundo tem a oportunidade de desenhar à vontade, pois lá não tinha o mesmo rigor e fiscalização do colégio D. Pedro II. No entanto, também acaba sendo expulso do Colégio Brasileiro por não se ajustar às regras da instituição, já sob os ditames do Governo Militar:

Discutiu com o professor de história que elogiou o governo militar. Diz que fez uma caricatura medonha do professor, e depois rasgou a farda e pregou [...] os trapos nas janelas e saiu quase nu na frente de todo mundo. (HATOUM, 2005, p. 117)

A utilização da criação artística nos protestos juvenis de Mundo confirmava a finalidade que ele dava à arte. Mundo se utilizava da arte de revolta, não apenas para escandalizar, mas para provar o entrelaçamento entre vida e arte. Jano, porém, via nessas atitudes ausência de educação, culpando a mãe por isso. A arte, para Jano, era um passatempo de desocupados e vagabundos. Então, para evitar que o filho se contaminasse com o que ele considerava “doença”, Jano resolve interná-lo no Colégio Militar: “Mais pela formação moral, pelo caráter, do que pela qualidade de ensino”. (HATOUM, 2005, p. 117).

No colégio Militar, Mundo pode defrontar com toda a violência que sofria os alunos, principalmente os de camada social menos privilegiada. Mas essa violência, ele já estava acostumado, pois crescera sob as perversidades daquele que acreditava ser seu pai biológico. Apesar do romance pouco externar o estado psicológico do protagonista, muitas das atitudes agressivas de Mundo no período da adolescência podem ser associadas aos castigos aplicados por Jano ao filho ainda criança. Dentre os poucos relatos apresentados, aparece Mundo ainda com cinco anos de idade com o desenho do rosto de uma criança gritando, confirmando seu estado emocional decorrente das inúmeras vezes que ficara preso no porão escuro de sua casa, por ordem de Jano.

A violência de Jano não tinha limite. Na medida em que o filho crescia, ele mudava as táticas, recorrendo à agressividade física. As cicatrizes que Mundo carregava, diferentemente da cicatriz de Ulisses, não indicavam feitos heróicos do protagonista, mas denunciavam a violência de um pai que preferia amar e ter como companhia um cachorro a dar carinho e compreender um filho. A formação que o pai desejava dar ao filho não condizia com as necessidades e predileções de Mundo. Assim, entre a revolta e a “obediência estúpida”, Mundo optou pela revolta, fazendo dela a matéria de sua arte.

De todas as recusas de Mundo, a maior delas foi com relação à ambição do pai para que ele seguisse a carreira de comerciante. Jano queria-o como herdeiro e Mundo cresce sob esse desígnio, proferido pelo pai a cada instante em que se reportava ao filho. Ao manifestar pendor artístico, ele põe em xeque os sonhos paternos. Se o pai vê no filho alguém que contraria o seu desejo de continuidade, Mundo vê no pai aquele que cerceia a sua própria realização. Desde criança, o traço artístico sobressai em sua personalidade, causando descontentamento em Jano e apoio da mãe que incentiva os desenhos de Mundo, dando-lhe lápis e papel para colorir. Nesta empreita, Alícia também tem o apoio do amante Ranulfo, tio de Lavo, que colaborava para o florescimento da arte naquele que considerava e amava como a um filho.



Este também é o cerne do dilema de Wilhelm Meister. Enquanto o pai buscava encaminhá-lo, desde cedo, ao mundo dos negócios, sua inclinação do teatro é reforçado pela mãe de diversas formas. Não apenas este, mas são vários os pontos de contato da obra de Goethe e Hatoum. Mundo e Meister têm origem semelhante, ambos nasceram no seio de famílias prósperas, enriquecidas pelo comércio. Assim, a expectativa de formação desejada pela família de ambos é voltada para atender às necessidades econômicas da família, confirmando a afirmação de Marx (apud Berman, 1986), acerca da relação familiar moderna, onde o véu sentimental transforma-se em uma relação monetária.

No entanto, a saída da casa paterna é motivada por objetivos distintos: Meister desejava um autodesenvolvimento e formação que ultrapassasse o caráter limitado e utilitário de sua vida burguesa, pretendendo alcançar uma formação universalizante, na época só pertencente à aristocracia; já Mundo, apesar de não aceitar o destino imposto pelo pai, que desejava para ele uma educação voltada para a continuidade dos negócios da família, também não queria pertencer à aristocracia de seu tempo. O autodesenvolvimento que desejava para si, apesar de universalizante, pautava-se na recusa do agenciamento das forças autoritárias da sociedade brasileira da época.

Em “Cinzas do Norte”, a insensibilidade de Jano com relação à vocação artística de Mundo e conseqüente incapacidade de compreender e aceitar o filho será motivadora dos conflitos futuros. Com o transcorrer do tempo, eles não são contemporizados, ao contrário, a passagem dos anos e crescimento de Mundo torna-os ainda mais acirrados. O choro dos cinco anos transforma-se no destemido confronto de adulto, no qual o filho desabafa toda a sua verve, reprimida ao longo do tempo. Com sua arte contestatória, Mundo denuncia as atrocidades do pai, do governo e as mazelas da cidade, já em processo de destruição.

No romance de Goethe, o primeiro impulso do jovem Meister, a sua vontade de aperfeiçoamento interior, limita-se à esfera privada, aos problemas sociais que enfrenta na busca da realização dos seus desejos e das suas ambições. Mas esse impulso original não se estende à organização da sociedade alemã em que Meister se insere, pois esta é entendida como uma ordem dada e invencível à ação humana - o que faz com que, por fim, o projeto de formação inicial seja redefinido. Depois de ter aprendido com a experiência este projeto se torna uma reconciliação de Meister com a realidade histórica alemã, mediante o ingresso na Sociedade da Torre, uma sociedade de perfil maçônico onde somente seriam incorporados os melhores homens da nação. Numa longa carta, Meister explica:

Pois bem, tenho justamente uma inclinação irresistível precisamente por essa formação harmônica de minha natureza, que o meu nascimento me recusa [...] não vou negar-te agora que a casa dia se torna mais irresistível meu impulso de me tornar uma pessoa pública,

de agradar e atuar num círculo mais amplo [...] (GOETHE, 1994, p. 286)

Com Mundo, esta redefinição que pode ser analisada como aceitação de agenciamento não ocorre. Mesmo vivendo numa sociedade ditatorial, Mundo não coopta com o regime militar, ao contrário, todas as ações tiranas que sofre do pai e da sociedade, não lhe serviam como experiência para reconciliação com a realidade do país, antes aumenta mais ainda a sua revolta. Assim, apesar de dialogar com a obra de Goethe, a narrativa de Hatoum volta-se para a deformação do indivíduo, o que Mazzari vai chamar de *anti-Bildungsroman*.

Se o aperfeiçoamento de Meister relaciona-se com o equilíbrio harmônico do mundo exterior, Mundo estaria no campo da deformação, pois o mundo exterior em que se encontra revela-se degradante, com acentuado desequilíbrio social. A vida de Mundo espelha o período histórico brasileiro da segunda metade do século XX. A Manaus da época de Mundo, período correspondente à Ditadura Militar, é representado por Hatoum em toda a sua decadência. A população vivia numa penúria generalizada e a pobreza da população contrastava de forma gritante com iates, mansões e palacetes luxuosos da camada mais rica da cidade. Sem perspectiva de melhora, a população pobre ia entrando em processo de deformação. No romance, são várias as passagens que relatam cenas de prostituição com meninas de diferentes faixas etárias. Desde os doze, treze anos, elas buscavam no sexo um meio de sobrevivência. O romance também mostra cenas de mendigação, mostrando índios morando em pátios de casas abandonadas e vivendo à custa de esmolas.

Utilizando o pretexto da modernização, o governo inicia uma higienização na cidade, retirando a população pobre do centro e da beira do rio para colocar em um bairro afastado da cidade, sem condições sanitárias nem qualquer oportunidade de uma vida decente. O bairro é chamado de Novo Eldorado e sua construção desperta uma profunda revolta em Mundo, pois ele sabia das reais intenções dos governantes ao construí-lo. O Novo Eldorado era mais um projeto de segregação da população miserável que vivia no centro de Manaus. Sem conseguir resolver o problema social da cidade, os governantes resolvem afastar a pobreza dos olhos do mundo, isolando a população pobre em um bairro sem nenhuma infra-estrutura, mas propagado como mais uma ação nobre do governo.

Dessa indignação nasce mais uma obra de arte de Mundo, O “Campo de Cruzes”. Como forma de protesto e com a ajuda de Ranulfo, ele prepara uma obra de arte contestatária para ser encenada no dia da inauguração do “Novo Eldorado”. A repercussão desse protesto ganha notoriedade na imprensa, provocando graves consequências nos envolvidos: Ranulfo e Mundo são caçados pelos militares, Ranulfo é encontrado pela polícia e é gravemente agredido; Jano entra em processo acelerado de decadência e acaba morrendo, mas de desgosto que pela doença que já tinha; e Mundo passa a ser perseguido pelos militares. Com a morte de Jano, Mundo e a

mãe vão para o Rio de Janeiro, sob o juramento de nunca mais retornarem a Manaus. No entanto, nem lá a perseguição é diminuída e Mundo acaba partindo para a Europa, deixando no Rio de Janeiro sua mãe dilapidando a riqueza em jogos e bebidas.

Tal como na estrutura clássica do romance de formação, cujo elemento central e recorrente é a saída da casa, efetuada pelo menino/adolescente, visando uma libertação do mundo infantil através de uma educação pedagógica institucional e de formação sentimental do herói, Mundo afasta-se da casa paterna, inicialmente para estudar no colégio militar, e posteriormente quando vai para a Europa. No entanto, Mundo não fica livre da intervenção do pai, pois a figura de Jano permanece sempre presente e agindo sobre o psicológico dele.

No colégio Militar, a presença do pai é representada nas ações tiranas dos militares e, mesmo depois de morto, quando Mundo vai tentar viver uma nova vida na Europa, a figura de Jano se faz presente nos pesadelos que tem e na sequência de quadros-objetos que resolve fazer. Também a presença de Jano aparece nas atitudes dos europeus. “Toda a brutalidade de Jano ressurgia em *Nothing Hill* e me dava náusea e revolta.” (HATOUM, 2005, p. 247), escrevera Mundo ao relatar as encenações feitas nas ruas de Londres e a rejeição e ofensas daqueles que, assim como Jano, faziam alusão à arte produzida por ele e seus amigos como perversão.

Para Bakhtin (2000), no romance de formação, os problemas são expostos em toda complexidade, pois eles são inerentes à realidade do homem. Assim, o anti-romance de formação de Hatoum apresenta a impossibilidade de existência humana numa sociedade inumana. A sociedade a qual Mundo, em sua jornada formativa, deveria integrar-se harmonicamente é caracterizada pelo autor de forma tão desarmônica e abominável que uma formação nessa sociedade se inviabiliza desde o início. Por isso, Mundo é visto como um produto de seu tempo que tenta mudar o curso de sua história através de uma arte que visava ao escândalo. Consoante com a estética do Dadaísmo, a sua obra buscava “satisfazer uma exigência básica: suscitar a indignação pública.” (BENJAMIN, 1993, p. 191).

Mundo só não quis tornar público a sequência de quadros que fizera. Os sete quadros produzidos por ele escaparam da reprodutibilidade técnica, conservando a aura que envolve as produções únicas, conferindo-lhe o *status* de autenticidade (BENJAMIM, 1993). Apesar de confessar não haver originalidade na arte, Mundo quis deixar uma obra que servisse apenas ao culto, deixando-a secreta aos olhos da sociedade.

Esta obra máxima, Mundo só conseguiu terminar na Europa, após romper com Arana, aquele a quem no início da narrativa, chamava de mestre. No entanto, ele vive o bastante para descobrir a farsa do artista, que cooptado pelo sistema, passa a fazer obras encomendadas, indo de encontro ao discurso proferido na cabana/ ateliê, onde aprendera as primeiras lições de arte. Mundo morrera sem ver a deformação por que passara Manaus, promovida pelo influxo da

modernidade, mas também, ele não teve a decepção de ver a deformação do artista, nem pode ver o ateliê ganhar ares de mansão, fruto do prestígio conseguido junto aos militares.

Quanto ao protagonista, este conseguiu reconciliar-se com a vida, ou conciliar-se com a morte, após o término dos sete quadros. Nele, o artista reconta toda a trajetória da vida do pai. Essa história pode ser lida como uma decadência de um modelo econômico, na medida em que trabalhadores da Vila Amazônica estão presentes no primeiro quadro e vão desaparecendo nas telas seguintes. Enfim, é também a própria história de Mundo, servindo como testemunho de sua vida, o que as palavras de Benjamin sobre a autenticidade e originalidade da obra de arte podem explicar: “A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico” ( BENJAMIN, 1993, p. 6)

Na última carta que envia ao amigo, onde o leitor toma conhecimento que os dons artísticos ele herdara de Arana, seu pai biológico, Mundo reflete sobre a criação do quadro e a necessidade de fazê-lo: “Só quis dar um sentido à minha vida”, dissera. Mundo morre, a mãe destrói os sete quadros, mas ainda lhe sobra o testemunho de Lavo e Ran, os quais, estabelecendo enlances narrativos registram todos os acontecimentos de sua trajetória, fazendo com que sua arte ficasse imortalizada.

### **Considerações finais**

Caracterizar “Cinzas do Norte” como um romance de deformação ou como uma crítica ao romance de formação pode suscitar controvérsias, pois uma obra pode abarcar uma multiplicidade de interpretações e tudo depende da recepção do leitor em relação ao texto lido, da forma como ele julga o protagonista, podendo até mesmo este romance ser considerado como um romance de formação tal como o é a trajetória de Wilhelm Meister. O fato é que, a reconciliação do herói problemático com a realidade não se realiza de forma alguma na história de Mundo. Ao contrário do que acontece com os heróis tradicionais dos romances de formação, sua existência mostra-se invulnerável a acontecimentos externos que poderiam transformá-lo.

Quanto à presença de Goethe na obra de Hatoum, a análise comparativa entre “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister” e “Cinzas do Norte” mostram as similitudes na trajetória dos protagonistas Mundo e Meister, confirmando a influência da estrutura do romance de formação no romance de Hatoum. Tal como foi com em “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”, Hatoum expõe uma narrativa retratando a sociedade de um período histórico. Porém, enquanto Meister harmoniza-se com a sociedade de seu tempo, Mundo vai de encontro a qualquer tipo de agenciamento, preferindo a derrota à obediência estúpida.

## Referências

- ALBUQUERQUE, G. Um autor, várias vozes; identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 28. Brasília, julho-dezembro de 2006, p. 125-140.
- BAKHTIN, Mikahil. O romance de educação na história do realismo. In: \_\_\_\_\_ **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 221-276.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- GOETHE, J. W. **Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Ensaio, 1994.
- GOMES, Gínia Maria. **A Manaus de Milton Hatoum de Cinzas do Norte**. In: Nau Literária, Porto Alegre, Lisboa, n. 4, jan.jun. 2007 ISSN 1981-4526. (ensaio). Disponível em: <<http://www.nauliteraria.com>>. Acesso em: 22 jun. 2008.
- HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- JANZEN, Henrique Evaldo. **O Ateneu e Jakob Von Gunten**: um diálogo intercultural possível. SP, USP, (Tese), 2005.
- LYOTARD, J.-F. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo**: O Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O Romance de Formação (Bildungsroman) no Brasil. Modos de Apropriação** (Unesp). Disponível em: <[http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/romance\\_formacao.doc](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/romance_formacao.doc)>. Acesso em: 17 jul. 2008.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. **Romance de Formação em Perspectiva Histórica**: O Tambor de Lata de Gunter Grass. Cotia: Ateliê Ed., 1999.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1978. Paulo: UNESP, 2000.